

---

---

# A PREFERÊNCIA PELA NEGAÇÃO: UM ESTUDO SOBRE A RECUSA DE EXISTÊNCIA NA *CLEPSIDRA*, DE CAMILO PESSANHA

Ezequias da Silva Santos<sup>a</sup>

## RESUMO

O objetivo desse artigo é analisar os poemas “Inscrição” e “Poema final”, de Camilo Pessanha, sob o prisma da negação, estando essa análise ancorada nas perspectivas filosóficas de Martin Heidegger em *Ser e tempo* (2015) e Arthur Schopenhauer em *O mundo como vontade e representação* (2015).

PALAVRAS-CHAVE: Camilo Pessanha; Martin Heidegger; Arthur Schopenhauer; negação.

Recebido em: 01/11/18

Aprovado em: 15/03/19

## Aspectos gerais do simbolismo como introdução ao pensamento de negação

Quando propomos um estudo sobre Camilo Pessanha, é mister ter em mente que a poesia simbolista e a ideia filosófica de existir se reafirmam através da compreensão de enxergar o mundo por meio do *contrassenso*, do *inverso*, do *não ser*. Nessa tendência, nota-se que há grande aplicabilidade desses vieses (não ser, o inverso, o contrassenso) nos textos simbolistas produzidos em meados dos séculos XIX e XX, que podem ser identificados como um estilo de época caracterizado por uma alteração comportamental psíquica expressa por uma recusa, ativa ou passiva, de efetuar todas as solicitações exteriores<sup>1</sup>.

---

<sup>a</sup> Mestrando do PPGL da UTFPR *campus* Pato Branco. Email: zekyjohanson@hotmail.com

<sup>1</sup> Definição de negação pelo *Dicionário de termos literários* por J.A Cuddon, disposto nas referências.

Latuf Isaias Mucci aprofunda nosso pensamento quando observa tal comportamento lânguido nos poetas finisseculares:

Esse ambiente de apatia e ceticismo derivava de causas, entre as quais podem ser apontadas causas políticas, econômicas e demográficas. A visão pessimista da história, “o sentimento perturbador de Decadência” se originou, segundo José Carlos Seabra Pereira, antes do Decadentismo, sendo as causas políticas mais importantes do que outras causas, como as religiosas ou morais (MUCCI, 1994, p. 29).

Isso posto, a consciência do poeta decadentista/simbolista sobre o mundo o afeta de forma que a preferência por sua negação (do mundo) explicita a existência das coisas por meio do olhar do sujeito sobre elas. Em outras palavras: o mundo passa a existir a partir do momento em que a consciência do ser delibera sobre ele. Schopenhauer, em *O mundo como vontade e representação*, já expôs essa ideia ao observar que:

O mundo é minha representação: - esta é uma verdade que vale em relação a cada ser que vive e conhece, embora apenas o ser humano possa trazê-la à consciência refletida e abstrata. Torna-se lhe claro e certo que não conhece [o sujeito] Sol algum nem Terra alguma, mas sempre apenas um olho que vê um sol, uma mão que toca uma terra; que o mundo que o cerca existe apenas como representação (SCHOPENHAUER, 2015, t.1, p. 3).

Isso posto, o que podemos observar quando tratamos de *negação* é um resolutivo processo de *não deliberar* sobre o mundo, de preferir o oculto em detrimento do descoberto e a negação em detrimento da afirmação. Diante disso, o aspecto da negação cresce à medida que existe certa declinação do “real”. A própria sentença de Schopenhauer é quem determina tal ideia: “Torna-se claro que *não* conhece sol algum *nem* terra alguma”, ou seja, torna-se consciente ao ser que o que se obtém como realidade deriva de algo criado por sua própria mente e cabe a si discernir a existência ou inexistência (apenas representação) de determinado objeto.

No tocante à literatura, Kurrik, na obra *Literature and negation* (1979), teoriza que a negação “está ligada ao disperso, ao *desmembramento*, ao disparatado, à ideia de muitos e à noção de estar por vir (KURRIK, 1979, p. 1, tradução nossa)”<sup>2</sup>. Portanto, ela não se caracteriza apenas pelo discurso do *dizer não*, mas opera através da percepção da decadência como normalidade e cotidianidade das coisas.

Heidegger, em *Ser e tempo* (2015, p. 240), expressa esse pensamento quando anota que “decair no ‘mundo’ indica o empenho na convivência, na medida em que esta é conduzida pela falação, curiosidade e ambiguidade”. Isso posto, negar o mundo das ocupações é não ser decadente. A liberdade acarretada por essa negação induz à liberdade do indivíduo ainda que esta seja a percepção da ilusão que é estar na existência. Barbara Spaggiari, no livro *O simbolismo na obra de Camilo Pessanha* (1982, p. 43), bem anota essa assimilação como “um desacordo perpétuo [do poeta] consigo mesmo e com o mundo”.

Como resultado dessa percepção, a negação surge numa tentativa de *não submissão* à normalidade da cadeia utilitária das coisas. Nesse sentido, negar a conexão entre a coisa e sua utilidade põe em voga a fragmentação (*the dismemberment*) do mundo frente à descoberta angustiante do ser de que não há ordem na existência.

## Inscrição

Sob o prisma da negação, o poema “Inscrição” projeta o cunho decadente do eu lírico através de uma certa distância temporal que parece haver entre o fato narrado e a narração da cena. Uma vez que a ideia de negação contempla conceitos de oposição em relação a determinada verdade ou afirmação, o ato de enxergar do eu lírico é comprometido pela indecisão e imprecisão do algo visto. Em outras palavras, a contemplação resvala na incerteza da mescla do nada e do tudo – “Eu vi a luz em um país perdido”:

---

<sup>2</sup> “*Negation, taken as the antonym of symbolic, is diabolic, a ‘tearing apart’, a sundering, separating, dividing, alienating, dissociating. It is linked to the dispersed, the dismembered, the disparate, to the idea of the many, to becoming*”.

Eu vi a luz em um país perdido.  
A minha alma é lânguida e inerme.  
Oh! Quem pudesse deslizar sem ruído!  
No chão sumir-se como faz um verme...  
(PESSANHA, 2009, p. 53).

Nota-se que o poeta não vê valores, cultura, tampouco matéria, mas reconhece um algo que antecede a existência da coisa em si. Esse batismo da luz, que tentaremos explorar em “Poema final”, é a passagem do nada para o tudo, é a passagem do escuro para o claro, da inexistência para a existência. Ainda que essa passagem da não existência à existência pareça repelir a ideia de negação, é pertinente observar que o batismo da luz da existência não implica necessariamente a afirmação e a consciência plena do existir. Embora a luz carregue uma carga simbólica de clareza e transparência, o objeto ou lugar banhado por ela está perdido. Diante desse cenário, temos aqui um paradoxo: a luz, contrariamente ao seu pressuposto significativo, desponta como grau de intensidade para notabilizar a ruína do país perdido.

Ainda nessa linha de pensamento, o que observamos no país perdido é a negação da existência do país (está perdido) e do próprio sujeito. Ainda observando os apontamentos de Schopenhauer (2015, t.1, p. 6), o filósofo anota que “[...] tais metades [sujeito/objeto] limitam-se reciprocamente: onde começa o objeto, termina o sujeito”.

Ainda que Schopenhauer entenda essas concepções da luz como reflexo pessimista do indivíduo, é mister constatar que o pessimismo compõe, observando os apontamentos de Kurrík (1979), a esfera de determinados valores que convergem e completam a esfera de negação em detrimento da afirmação. Nesse sentido, o primeiro verso de *Clepsidra* afirma uma imagem negativa e a ele vem atrelado uma série de pormenores que se aglutinam e reafirmam a concepção da negação do presente ou da realidade.

Por essa linha de raciocínio, a afirmação do eu lírico de ver algo (a luz em um país perdido) reconhece um pressuposto de ter existido um país, seja real seja ideal, mas essa realidade já não existe, restando dela apenas alguns resquícios de lembrança ou honra metaforizadas pela luz. A negação dessa realidade jaz na ideia de aniquilação que o próprio eu lírico parece propor

ao empregar diferentes tempos verbais na construção dos versos e da estrofe.

Nesse sentido, é pertinente notar que há alguém no tempo presente anotando ter visto a luz em um país no passado; logo após esse registro, o sentimento decorrente dessa lembrança pessimista reflete no âmagô do eu lírico no presente em que escreve. Essa mistura de tempos verbais em que o *ver* do passado reflete no *ser* do presente (lânguido e inerme) resulta ainda em um terceiro modo verbal afirmado pelo subjuntivo.

Gilda Santos e Isabela Leal, em *Camilo Pessanha em dois Tempos* (2007, p. 28), afiança esse pensamento ao observar “que a progressão temporal evidenciada pelos três momentos apontados delinea um ciclo: entre o primeiro e o último verso inscrevem-se nascimento e morte, e seus correlatos luz e treva, conhecimento e anulação, busca e fuga etc.”. Não obstante essa fusão de tempos presente/passado, a conjectura “Quem pudesse deslizar sem ruído” respalda certa ideia de diluição temporal em que o tempo e o espaço já estão definidos através de pressupostos (SCHOPENHAUER, 2015, t.1, p. 3).

Ora, se tempo e espaço já estão pressupostos através da universalidade das coisas, a preocupação de Pessanha no que tange ao emprego dos tempos verbais se dá na medida em que o poeta observa que a linearidade do tempo está comprometida pela pressuposição da mente. Isso é negação: Pessanha não atribui aos seus poemas a verossimilhança temporal, uma vez que esta carece da precisão do intelecto em entender a necessidade do começo, do meio e do fim das coisas.

Sendo esse o tom do poema, da negação à existência, o verso três traz uma combinação de sons que respalda o desejo da não existência em face de uma vontade schopenhaueriana universal de existir. Nesse sentido, o filósofo (SCHOPENHAUER, 2015, t.2) observa que a vontade que delibera sobre o mundo e sobre a existência delibera também sobre o sujeito, trazendo matérias à luz da existência através de uma vontade autônoma que rege o cosmos.

Mesmo que Camilo Pessanha admita e reconheça essa vontade autônoma e dominadora no mundo, ele não simpatiza com ela e traça um caminho oposto em relação a essa existência iminente e axiomática. Depois da declaração de ver “a luz em um país perdido” e de constatar a melancolia do espírito refletida nos vocábulos *lânguido* e *inerme*, o poeta utiliza-se da aliteração para

causar um efeito sonoro oposto ao desejo expresso de “deslizar sem ruído”: “Oh! Quem pudesse deslizar sem ruído! / No chão sumir-se como faz um verme...” (PESSANHA, 2009, p. 53).

Diante disso, o desejo silencioso do poeta é de *não* se fazer notar, de deslizar de um lugar a outro, da vida à morte, da existência à não existência de um modo silente, em que a vontade não seja preponderante, mas sim o desejo de aniquilação. Dessa forma, o contraste entre desejo de não existência e existência forçosa pode ser visto justamente na escolha dos vocábulos que repelem a tentativa do poeta de passar sem fazer barulho.

Contrariamente ao desejo expresso pelo poeta, a aliteração causada pela repetição dos fonemas /s/ e /z/ provoca ruídos na declamação do verso, fazendo com que “pudesse deslizar sem ruído” sibile e sobre, finalizando essa onda de barulho com a vibração do “r”, que afronta a ideia do não ruído desejado pelo poeta.

A exploração contínua de sons nos dois últimos versos do poema põe em evidência a luta de *Clepsidra* (2009): a luta contra a vontade do mundo, contra o cognoscível, contra o desejo de não existir em face da existência iminente definida por Schopenhauer (2015, t.2, p. 123). Com base nesses pressupostos, o poeta escolhe a negação, escolhe negar a existência, pois, afinal, “[...] negação é recusa de existência” (SARTRE, 2015, p. 52).

Nesse prisma, a conexão da poesia de Pessanha com a negação é efetuada pela ideia de desassociação; ao invés de trilhar o caminho da existência, da luz, da cognição, o poeta percorre uma estrada oposta optando pelas sombras e pelo subsolo, numa tentativa frustrante de se esvaír à medida que o mundo o impele à decadência.

### **Sobre poema final: observações a respeito da negação da presença e do vir à existência**

“Poema final” seria o último poema de *Clepsidra*. É relevante ressaltar que todos os aspectos de negação que permeiam o livro de Pessanha parecem ser pensamentos introdutórios que irão desaguar na decisão derradeira em “Poema final”. Depois da vontade expressa de rastejar como um verme e adentrar o subsolo em “Inscrição”, o poeta pretende, através do cunho

reflexivo empiricamente atestado, manifestar seu desejo de não existência através da experiência que desaconselha o vir à presença (FRANCHETTI, 2009, p. 21).

Oriunda dessa reflexão que desaconselha, o poeta irá retomar as próprias ideias expostas ao longo do livro de forma a construir, mediante o intratexto, um terreno sólido para ancorar seu desejo por aniquilação:

Ó cores virtuais que jazeis subterrâneas,  
Fulgurações azuis, vermelhos de hemoptise,  
Represados clarões, cromáticas vesânias -,  
No limbo onde esperais a luz que vos batize,

As pálpebras cerrai ansiosas não veleis (PESSANHA, 2009, p. 110).

Este talvez seja o texto em que mais aparece o vocábulo *não* em forma de conselho. Máttar (1996, p. 88) foi extremamente arguto ao observar “[...] que a negação surge às vezes associada ao uso do pretérito e do futuro – e vimos que estes tempos são na verdade aspectos temporais indesejáveis. Neste sentido, a negação seria utilizada pelo poeta como recusa a habitar tais momentos”.

Dessas preocupações com os aspectos temporais indesejáveis, a dor do poeta concerne à ideia de turbilhão muito bem expressa pelo cromatismo delirante que forma uma imagem extremamente psicodélica. Junto às cromáticas vesânias, Pessanha ainda anexa a terrível percepção do abandono de Deus e das crenças metaforizada pelo conceito do limbo, em que se mantêm presas as cores que anseiam o batismo da luz que lhes dê existência.

Heidegger expõe essa ideia de turbilhão da seguinte forma:

O mundo em que a precipitação se movimenta para e, na falta de solidez do ser impróprio, no impessoal, arranca constantemente o compreender do projeto de possibilidades próprias, lançando-o numa pretensão tranquilizadora de possuir ou alcançar tudo. Esse arrancar contínuo da propriedade, sempre

dissimulado e junto com o lançamento no impessoal, caracterizam a mobilidade da decadência como *turbilhão* (HEIDEGGER, 2015, p. 244).

Diante disso, observa-se, na primeira estrofe de “Poema final”, que as ideias desse universo caótico se completam pelo senso de turbilhão atribuído por Heidegger (2015, p. 244). Por essa linha de pensamento, a narrativa do poeta pode ser interpretada pelo viés da vinda à presença em que o processo de decair no mundo é reprimido pelo turbilhão da vontade de existir. Observa-se que o próprio Heidegger (2015) afiança essa ideia quando anota que essa precipitação de vir à existência lança o indivíduo numa pretensão tranquilizadora de possuir ou alcançar tudo, sendo essa pretensão um juízo *a priori* do indivíduo.

Nessa perspectiva, o vir à existência está paralelamente ligado à expectativa de egresso da escuridão, pondo em voga o espaço intersticial da existência e não existência representado pelo limbo. Com efeito, o limbo traz à tona fortes significações nas quais a ideia de esquecimento se configura no ato divino de negar as almas que esperam pela libertação. Vale a pena ressaltar, nesse ponto, que o turbilhão da vontade de existir e o limbo que represa as cores e a luz são ideias opostas e excludentes, sendo que a vontade, independente e proativa, parece estar submetida ao arbítrio de outrem (talvez Deus) para vir à existência.

Podemos afirmar, também, que a repressão da luz e o limbo convergem para a negação da presença. Ainda que o processo intuitivo se faça valer através das ideias do *a priori*, a presença permanece no limbo de forma que o turbilhão representado pelo cromatismo vesânico fique apenas beirando as portas da existência. Por essa linha de raciocínio, a presença parece estar conectada ao cosmos de forma que a expansão universal é refletida no turbilhão do ser na pré-existência. Nesse ponto, a totalidade da compreensão nega qualquer ideia decadente à medida que o mundo das ocupações e a cadeia utilitária das coisas afirmam o decadentismo do indivíduo.

Livre de qualquer julgo exterior ou necessidade de comunicação, o processo de vir ao mundo da presença é barrado apenas pela aniquilação do desejo acarretado pela voz da experiência. Diante disso, a abertura do ser-no-mundo não se completa por intermédio da clamação do poeta que implora para a desistência do existir da presença. Nesse sentido, a acentuação da letra “o”



no primeiro verso do poema corrobora a entonação de rogo do eu lírico ao expressar seu desejo de não existência: “Ó cores virtuais que jazeis subterrâneas [...] / Ansiosas *não* veleis” (PESSANHA, 2009, p. 110, grifo nosso).

Não obstante o próprio advérbio de negação, a ideia exposta pelo arrefecer do desejo de sondar o abismo reflete, uma vez mais, os apontamentos de Schopenhauer (2015) e Heidegger (2015). Nessa perspectiva, o turbilhão caracterizado pelas cores que desejam vir à superfície é barrado pela voz aconselhadora do poeta que emite juízos contrários à existência: “Ansiosas não veleis” (PESSANHA, 2009, p. 110).

O poema segue:

Abortos que pendeis as fronteiras cor de cidra,  
Tão graves de cismar nos bocais dos museus,  
E escutando o correr da água na clepsidra,  
Vagamente sorris resignados e ateus,

Cessai de cogitar o abismo não sondeis (PESSANHA, 2009, p. 110).

É relevante constatar, de modo primário, que a ideia do abismo está metaforicamente atrelada ao receio do desconhecido. A dor recorrente do poeta é novamente resgatada pela compreensão da falta de harmonia inerente ao caos, pondo em destaque a complexidade e a desordem que nega o mundo das ocupações e a cadeia utilitária das coisas. O abismo não só se caracteriza como local indesejado pelo poeta, mas também como espaço temporal no qual vir à existência se configura na atuação desse espaço a partir do momento (tempo) da existência. Como consequência dessa recusa de existir, tanto no espaço quanto no tempo, percebe-se que há um aprisionamento da presença; isso se dá graças ao desaparelhamento do desejo de existir e da consciência.

Em outras palavras, a pré-existência que jaz no limbo à espera do batismo da luz não pode ser configurada como presença, pois a recusa do poeta em vir à vida a mantém aprisionada, como se observa no verso três de “Poema final”: “Represados clarões, cromáticas vesânias” (PESSANHA, 2009, p. 110). Heidegger (2015, p. 243) respalda essa ideia quando observa haver um encarcera-

mento da presença por meio de uma alienação que fragmenta a presença, sendo essa fragmentação muito bem ilustrada pelo cromatismo vesânico das cores no limbo. Nessa perspectiva, o filósofo (2015, p. 243) afirma que “[...] a alienação da decadência, tentadora e tranquilizante, em sua mobilidade própria, faz com que a presença se aprisione em si mesma”. Como consequência desse aprisionamento, a privação da presença de vir à existência ocorre pelo processo de negação da vida oriundo da voz aconselhadora do poeta reafirmada pelo tom proibitivo em “O abismo *não* sondeis” (PESSANHA, 2009, p. 110).

Essa proibição ocorre mediante a percepção do eu lírico no tocante à desordem manifestada através do abismo. Essa metáfora, aliás, é muito bem colocada quando observamos que o abismo pode estar atrelado tanto ao significado de profundidade inatingível quanto à noção de uma distância de infinitas proporções.

Em face da complexidade desse abismo, o aprisionamento da presença converge para a ideia de negação do vir à existência. O desejo do poeta em permanecer à margem da vida ainda encontra respaldo no aspecto da curiosidade *atribuído* ao ser humano à proporção que a presença começa a decair no mundo das ocupações. Nesse sentido, além de rejeitar a ideia de vir à existência, o poeta também alerta sobre a gravidade da curiosidade em face do abismo em que o tempo e o espaço tentam ser, falhando miseravelmente, compreendidos pela percepção humana.

Ainda nessa perspectiva, o emprego do verbo *cessar* na segunda pessoa do plural do imperativo afirmativo não apenas afiança o tom recomendativo de conselho, mas também realça, pela própria flexão verbal, o caráter de ordem expresso pelo poeta. Essa afirmação imperativa - cessai de cogitar - em conformidade com a emissão do conselho “*não* sondeis” implica a construção sólida de um discurso com alto grau de negação que barra, segundo as convicções de Heidegger (2015, p. 177), dois dos principais elementos do vir à existência: a curiosidade e o não aprisionamento da presença.

Diante disso, o eu lírico não apenas anseia pela suspensão do desejo de existir, mas também percorre uma trajetória marcada pela não existência. À medida que o poeta se afasta do batismo da luz, ele caminha, iminentemente, para a aniquilação de si mesmo. À vista disso, o afastamento da superfície reforça, através da ação de caminhar de forma retrocedente, a negação da vida e a preferência do poeta por negar a presença em face da curiosidade que o levaria ao possível desvendamento do abismo da existência.

É mister ressaltar, *a priori*, que o que percebemos, a partir da segunda estrofe, é determinada anulação do tempo e delimitação do espaço. O que o poeta parece querer expressar é a inconfiabilidade do tempo e a afirmação de sua presença meramente pela percepção humana, tornando-se assim, o tempo, representação insignificante para o processo de existir.

Resultante dessa insignificância, observa-se uma ideia paradoxal em que os abortos (seres expelidos à presença antes da idade gestacional e consequentemente seres que não vêm à vida) aparecem situados em lugar de afirmação da existência histórica: os museus. Isso tudo é schopenhauriano; a ideia de que o tempo e o espaço dependem tão somente do senso e da percepção do indivíduo reflete a noção paradoxal afirmada por Pessanha (2009) quando o poeta desconstrói, como bem observa Oscar Lopes em *Entre Fialho e Nemésio* (1989), as categorias de tempo e espaço ao contemplar os abortos que não vieram à existência, fazendo sobre um dos signos que caracteriza, substancialmente, a existência.

Isso posto, Schopenhauer traz à baila a complexidade desse pensamento:

Trata-se de [...] de uma descoberta muito importante de Kant o fato de justamente essas condições de possibilidade, formas do mundo visível, isto é, o que é mais universal em sua percepção, o elemento comum a todas as suas aparências, tempo e espaço, podem ser não apenas pensados *in abstracto* por si e separados do seu conteúdo, mas também intuídos imediatamente. Intuição esta que não é como um fantasma, derivado da experiência repetida, mas tão independente desta que, ao contrário, a experiência tem antes de ser pensada como dependente desta intuição, visto que as propriedades do espaço e do tempo, como a intuição *a priori* as conhece, valem por toda a experiência possível, como leis com as quais tudo tem de concordar (SCHOPENHAUER, 2015, t.1, p. 7).

Sob esse prisma, é relevante observar que Pessanha (2009) não apenas nega a existência, mas também recusa aceitar qualquer primórdio ou premissa que afirme alguma ordem no caos. Essa afirmação da presença dos abortos nos museus ainda ressalta a força simbólica que despende dos vocábulos *abortos* e *museus*,

pois são eles que desconstroem as categorias da razão e negam as leis com as quais tudo tem que concordar. Ainda são esses vocábulos que exercem a função paradoxal e pressupõem que a morte e a vida estão fatidicamente ligadas à concepção humana sobre o tempo. Uma vez que Pessanha (2009) nega essas concepções, podemos observar que a vida e a morte fluem confundidas, como se a premissa da vida antes da morte fosse unicamente um modo de *entender* a existência.

Baudrillard corrobora esse pensamento quando volta sua atenção para a ideia do museu. Embora sua análise tenha um caráter mais ligado à antropologia de Orfeu em *Geórgicas* (2013), está coerente com o sentido empregado por Pessanha (2009).

O mesmo em Creusot, no âmbito do museu “sem fronteiras” onde se museificaram no local, como testemunhas “históricas” da sua época bairros operários inteiros, zonas metalúrgicas vivas, uma cultura completa, homens, mulheres, crianças incluídas – gestos, linguagens, costumes incluídos, fossilizados vivos como num instantâneo. O museu, em vez de estar circunscrito como um lugar geométrico, está agora em toda parte, como uma dimensão da vida (BAUDRILLARD, 1991, p. 16).

Diante disso, é mister notar que os abortos não parecem estar circunscritos no museu enquanto lugar geométrico, mas se encaixam na segunda definição de Baudrillard (1991, p. 16), em que o local está em toda parte como uma dimensão da vida. É nesse viés que a coligação entre aborto e museu ganha sentido, realçando o segundo não como aspecto geográfico, mas como ideia iminente de negação da vida através do pressuposto de que tudo está antecipadamente morto e ressuscitado.

Oriunda dessa percepção do mundo caótico, a negação do desejo irrompe como uma tentativa de aliviar a dor existencial e neutralizar os sentimentos advindos do universo desconexo descoberto pelo poeta. Leyla Perrone-Moisés (2000, p. 136) detectou admiravelmente esse universo desconexo quando expõe que “quando entramos no universo poético de Pessanha, percebemos logo que chegamos tarde. Tudo já aconteceu, e da pior forma possível. Sua poesia é o inventário de um desastre”.

Sob esse prisma, podemos dizer, a título de conclusão, que a logicidade da negação de Pessanha jaz na assimilação da sensatez em não cogitar sobre a existência e sua complexidade, mas em se assimilar à existência e negar, por consequência, a árdua tarefa da compreensão do mundo. Sobre essa vontade e curiosidade de compreensão, o poeta escreve: “Adormecei. Não suspireis. Não respireis” (PESSANHA, 2009, p. 110).

### Considerações finais

Sob o prisma da negação, a diferença do estudo por nós proposto apresenta-se mediante a observação de um *não dizer*, da recusa da existência que caracteriza a negação do desejo de *estar encontrado*, de *vir à presença* e não unicamente do *dizer não* através do discurso caracterizado por sugestões, ordem ou aspiração. A negação filosófica de *Clepsidra* (2009), configura-se no modo inconsciente concebido pelo poeta na tentativa de privar-se da dor e do sofrimento. Para respaldar nosso pensamento, Schopenhauer (2015, t.2, p. 722) observa que “[...] de fato, não podemos assinalar outro fim a nossa existência senão o de aprender que seria melhor que *não* existíssemos”.

Nessa tendência, a negação reflexiva do poeta pode ser notada pela imagem dos abortos pendendo as frentes nos bocais dos museus em “Poema final”, estando ligada analogamente à ideia dos abortos como recusa de existência e como desejo de subtração ao subsolo numa tentativa de fuga da luz da existência em “Inscrição”. Percebe-se, com base nisso, que a ideia de negação não está restritamente ligada à necessidade de dizer não, mas assemelha-se à noção de um *não querer existir*, de uma aniquilação do ser como recusa de existência e não reconhecimento do desejo.

Para aprofundar nosso pensamento, Evaldo Sampaio (2013, p. 44), analisando a obra de Nietzsche, observa que o filósofo “diagnostica que o homem moderno é uma expressão da vida que degenera, que diz ‘não a si mesma, ou seja decadente’, à qual se poderia distinguir um modo ascendente e ‘o menos moderno possível, um tipo nobre que diz sim’”.

Em face disso, é significativo ter em mente que a chave de leitura decadentista/simbolista para ler *Clepsidra* (2009) está atrelada a uma ideia degenerativa, conforme visto nos dois poemas analisados, em que a afirmação de

que os “homens modernos são uma expressão de vida que degenera ou que nega a si mesma” se corrobora (SAMPAIO, 2013, p. 44).

## Referências

- BAUDRILLARD, Jean. Simulacros e simulação. Lisboa: Relógio d'água, 1991.
- CUDDON, J.A. A dictionary of literary terms and literary theory. 5. ed. Wiley Blackwell, 2013.
- FRANCHETTI, Paulo. Nota sobre o texto e a ordem. In: PESSANHA, Camilo. *Clepsidra*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009. p. 11-51.
- HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. 10. ed. São Paulo: Editora Universitária São Francisco, 2015.
- KURRIK, Maire Jaanus. *Literature and negation*. New York: New York Columbia University Press, 1979.
- LEAL, Isabela. SANTOS, Gilda. *Camilo Pessanha em dois tempos*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007.
- LOPES, Oscar. *Entre Fialho e Nemésio: Estudos de literatura portuguesa contemporânea*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1989. v. 1.
- MÁTAR, João. *O processo simbólico na Clepsidra de Camilo Pessanha: a construção do discurso poético pela desconstrução das categorias da percepção e do entendimento*. 1. ed. São Paulo: Centro de Estudos Portugueses da Universidade de São Paulo, 1996.
- MUCCI, Latuf Isaias. *Ruína e simulacro decadentista*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. Camilo Pessanha e as miragens do nada. In: *Inútil poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 132-144.
- PESSANHA, Camilo. *Clepsidra*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.
- SAMPAIO, Evandro. *Por que somos decadentes? Afirmção e negação da vida segundo Nietzsche*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.
- SANTOS, Gilson José dos. Geórgicas IV. RÓNAI: *Revista de Estudos Clássicos e Tradutórios*. Juiz de Fora, v. 2 n. 1, pp. 148-164, 2014.
- SARTRE. Jean Paul. *O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica*. 24. ed. São Paulo: Vozes, 2015.

SHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*. 1. ed. São Paulo, Unesp, 2015. t.1.

SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*. 1. ed. São Paulo: Unesp, 2015. t.2.

SPAGGIARI, Barbara. *O simbolismo na obra de Camilo Pessanha*. 1. ed. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1982.

## **THE PREFERENCE FOR THE DISCLAIMER: A STUDY ON THE REFUSAL OF EXISTENCE IN CAMILO PESSANHA'S CLEPSIDRA**

### ABSTRACT:

The goal of this article is to analyze the poems “Inscrição” and “Poema final”, by Camilo Pessanha, through the prism of negation, being this analysis anchored on the philosophical perspectives of Martin Heidegger in *Being and time* (2015) and Arthur Schopenhauer in *The world as will and representation* (2015).

KEYWORDS: Camilo Pessanha; Martin Heidegger; Arthur Schopenhauer; Negation.